

EDITORIAL

“ESPEREMOS

Há OUTROS DIAS que não têm chegado ainda,
[...] certos dias amargos ou preciosos
que de repente chegam à porta
para premiar-nos com uma laranja
ou assassinar-nos de imediato.” (NERUDA, 2007, p. 61).

Esses “certos dias amargos”, de que nos fala Pablo Neruda, têm chegado ao cotidiano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) desde sempre. É a luta/a resistência que nos faz persistir e em alguns momentos conseguirmos avanços, que muitas vezes são acompanhados de recuos, na espera pelos “OUTROS DIAS – os preciosos,” aqueles em que todos teremos direito a uma outra forma de viver, aquela da não exploração do homem pelo homem.

É nessa seara que trazemos para o nosso leitor costumaz, bem como aos que nos chegam por agora, o sétimo número da Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos. Os textos nos falam da chegada daqueles “OUTROS DIAS” – os amargos, mas também se constituem como manancial para que possamos traçar estratégias de luta por aqueles outros dias – os preciosos.

Iniciamos o número com o artigo de Sonia Maria Rummert “A Atualidade das Contribuições de Paschoal Lemme e de Álvaro Vieira Pinto à Educação de Adultos” – dois importantes intelectuais brasileiros empenhados na luta pela superação das desigualdades sociais e a favor das teses da educação integral.

Ao evidenciar a relevância e a atualidade das contribuições teóricas destes estudiosos, em especial, à educação de adultos trabalhadores, a autora nos coloca frente à possibilidade de pensar a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva teórico-política de uma educação integral, para o que “é essencial assumir o fato de que todos vivenciamos, diariamente, por toda a vida, processos de ensino-

aprendizagem necessários à cotidiana produção da existência e que não se restringem à lógica de formação funcional para um mercado cada vez mais voraz que aposta, intensamente, numa formação ingênua e heterônoma para toda a classe,” alerta a autora. Trata-se de indagações que se colocam como essenciais quando do entendimento da EJA como educação de trabalhadores.

O segundo texto intitula-se “Políticas de Formação de Educadores de Jovens e Adultos: disputas de sentidos e cartografia da ação.” Na busca por interrogar sentidos dos processos formativos de educadores de jovens e adultos, a autora, Marcia Soares de Alvarenga, nos instiga a realizar o exercício de “estudar o que cada *lugar* tem de singular, de específico, de diferente para compreendermos como os educadores agem e produzem modos de vida profissional, relações e práticas sociais.”

Na sequência temos o artigo “A Má-fé Institucional e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil,” de Edmundo Marcos Ferreira Pontes e Georgia Nellie Clark, e visa “a ampliação do campo de análise acerca das condições objetivas de execução da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil, evidenciando os mecanismos perversos que encerram um padrão de ação institucional que tem contribuído para a não efetivação da EJA enquanto direito, garantindo a permanência dos educandos na condição de subcidadãos”.

O quarto texto, deste sétimo número, “Terra e Memória: escavando contos e imagens nas gerais,” de Denise Sampaio Gusmão, decorre de uma oficina de fotografia e memória intitulada Contos e Imagens do Córrego dos Januários, que envolveu jovens e adultos da comunidade, com idades que variavam de 24 a 70 anos. No estudo, a autora nos convida ao “entendimento da fotografia também como linguagem que denuncia e convida à reflexão, à transformação, frente a naturalização das coisas da vida, como se fosse normal este desfecho e que nada se pode fazer ante um progresso dissociado do cuidado com a vida.”

O texto seguinte - o quinto, das autoras Josebel Akel Fares e Renilda Rodrigues-Bastos, intitulado “Educar Pela Voz: movências no tempo e no espaço,”

aborda as práticas do contar histórias. Traz seus contadores: “Em grande parte, são pessoas mais idosas, que aprenderam seus repertórios no convívio com outros contadores, seja na própria terra ou em viagens, ao que o filósofo chamará de narrador artesão, sedentário, da tradição da terra e de viajante, aquele que aprende com o outro em viagens.” Também analfabetos, discorrem as autoras, os contadores “falam aos ouvintes desorientados, que necessitam de conselhos, ou àqueles que esquecem a dor ao ouvir uma narrativa.” Problematizar as práticas do contar, refletir sobre esse papel, conhecer os contadores constitui-se campo fértil para pensar sobre a educação de jovens e adultos trabalhadores.

No estudo “Amor de Transferência: mais além do sujeito,” as autoras Edileide M. Antonino da Silva e Maria de Lourdes Soares Ornellas, nos convidam a pensar que “na educação, a transferência possibilita as relações, favorecendo a aprendizagem.” Trata-se de inquirir a EJA de outro lugar, de uma outra dimensão, a da psicanálise.

O último artigo “Educator’s reflection on pedagogical practices changes,” [Reflexão de agentes educativos sobre mudanças em suas práticas pedagógicas] de Luise Zinke, Ana Rita Russo De Sánchez e Angela Victoria Vera-Márquez, aborda a formação de educadores que passaram pelo curso de extensão Educação Emocional e Desenvolvimento Psicoafetivo, no que esta lhes trouxe de capacidade reflexiva sobre o saber e o fazer de suas práticas. Este texto dá continuidade a uma perspectiva de abordagem da EJA para além do já conhecido repertório de escritos sobre alfabetização e sobre a ineficiência de programas sazonais de educação promovidos pelos governos brasileiros desde a última Ditadura Militar. Insere outras possibilidades de se pensar o campo como uma educação de pessoas adultas em sentido amplo.

Concluído mais um número, convidamos você a continuar participando do processo de fortalecimento da Revista, divulgando-a e dialogando com os pesquisadores que nos tem confiado seus estudos.

Maria de Fátima Mota Urpia
Maria José de Farias Lins
Marinaide Lima de Queiroz Freitas
Rodrigo Matos de Souza

Referência

NERUDA, Pablo. **Últimos poemas**. Tradução de Luiz Miranda, Porto Alegre, L&PM, 2007.